

Edson Rosa Francisco de Souza
(Universidade Estadual Paulista
Câmpus de São José do Rio Preto - UNESP)
Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe
(P. G. - Instituto de Estudos da Linguagem
IEL/UNICAMP - FAPESP)

As relações de escopo entre tempo e aspecto em línguas indígenas da família Pano*

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze, based on the Functional Discourse Grammar model (Hengeveld and Mackenzie 2008), the expression of tense and aspect categories in the indigenous languages of the Panoan family (matis, shanenawa, shawã, arara, katukina, yawanawá and huariapano), considering the principle of ordering of these grammatical categories in relation to the predicate of the sentence, as well as the scope semantic relations of such categories regarding the levels and layers of grammar organization. As results, we verified that the ordering of tense and aspect categories in the languages of the sample tends to respect the semantic scope relations between them (Hengeveld 2011), maintaining the following pattern: v(verb)-A(aspect)-T(tense)-M(mood). We also noticed that the qualitative aspect tends to be closer to the verbal predicate, because it functions as a qualitative operator, whereas the quantitative aspect tends to be allocated further from the verb, because it acts as a modifier of the State-of-affairs as a whole. The qualitative and quantitative aspects are within the scope of tense and both, aspect and tense, are within the scope of the mood category (illocution).

KEYWORDS: Aspect; Tense; Panoan indigenous languages; FDG; Implicational hierarchies.

RESUMO: O objetivo do artigo é analisar, com base no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie 2008), as formas de expressão das categorias de tempo e aspecto em línguas indígenas da família Pano (matis, shanenawa, shawã, arara, katukina, yawanawá e huariapano), considerando-se o princípio de ordenação dessas categorias gramaticais com relação ao predicado da oração, bem como as relações semânticas de escopo entre tais categorias quanto aos níveis e as camadas de organização da gramática. Como resultados, verificamos que a ordenação das categorias de tempo e aspecto nas línguas da amostra tende a respeitar as relações semânticas de escopo entre elas (Hengeveld 2011), mantendo o seguinte padrão: v(erbo)-A(specto)-T(empo)-M(odo). Notamos ainda que o aspecto qualitativo tende a se colocar mais próximo do predicado verbal, por funcionar como operador qualitativo, ao passo que o aspecto quantitativo tende a se posicionar um pouco mais distante do predicado, por funcionar como modificador do estado de coisas como um todo. Essas duas noções aspectuais estão, em geral, sob o escopo da categoria de tempo e a categoria de modo (ilocução), por sua vez, coloca-se mais distante da base, escopando tempo e aspecto.

PALAVRAS-CHAVE: Aspecto; Tempo; Línguas indígenas Pano; GDF; Hierarquias implicacionais.

* Auxílio financeiro do CNPq (479111/2011-1) e da Fapesp (2014/15787-9) e (2016/18391-4).

1. Introdução

Segundo Comrie (1985), Anderson e Comrie (1991), Palmer (1986), Ilari (1989) e Castilho (2002), as categorias de tempo, aspecto e modo (TAM), apesar de serem funcionalmente distintas, estão ligadas entre si, razão pela qual, muitas vezes, torna-se difícil estabelecer parâmetros formais e funcionais adequados para analisar tais categorias, que podem variar entre as línguas em relação ao modo como são codificadas morfossintaticamente. Tomemos como exemplo a língua shanenawa (pertencente à família Pano), que apresenta, como visto em (1), um morfema diferente para designar cada uma das informações gramaticais de aspecto, tempo e ilocução¹ e também uma ordenação específica dessas categorias com relação ao predicado verbal:

Shanenawa (Cândido 2004: 116)

- (1) awinhu-n şipi-∅ şui-paw-ni-ki
mulher-ERG banana-ABS assar-IPFV-PST.REM-DECL
‘A mulher assava banana’

Como se pode verificar em (1), cada uma das categorias gramaticais é codificada na língua por um morfema específico: o morfema {-paw} marca o aspecto imperfectivo, o morfema {-ni} marca o passado-remoto, e o morfema {-ki} indica a ilocução declarativa. Além disso, pode-se notar que a ordem dos marcadores de tempo, aspeto e modo com relação ao predicado da oração segue a seguinte relação hierárquica: *aspecto imperfectivo* > *passado remoto* > *ilocução declarativa*, fato que é resultado, segundo Hengeveld (2011), das diferenças de escopo entre essas categorias. Nesse caso, o aspecto imperfectivo, que especifica a estrutura temporal interna do evento, está dentro do escopo da marcação de passado remoto, que, por sua vez, é responsável por especificar a constituição temporal externa do evento. Ambos, aspecto imperfectivo e tempo passado remoto, estão dentro do escopo da categoria de ilocução declarativa, que indica a intenção comunicativa do falante e qualifica o conteúdo da mensagem como um todo, conforme segue: *declaro que a mulher assava banana*. As relações de escopo entre as categorias de tempo, aspecto e modo (ilocução) são dadas em (2):

- (2) ilocução declarativa(passado-remoto(imperfectivo(predicado+argumentos)))

¹ A categoria de modo na GDF é, conforme Hengeveld e Dall’Aglio-Hattner (2015), dividida em: ilocução (no nível interpessoal, que indica a intenção comunicativa do falante em um dado contexto de interação), modalidade epistêmica subjetiva (nível representacional, que indica a atitude do falante com relação ao conteúdo da proposição), modalidade epistêmica objetiva (nível representacional, que avalia a realidade de um estado de coisas), modalidade orientada para o evento (nível representacional) e a modalidade orientada para o participante (nível representacional, que indica “habilidade”). Trata-se de uma proposta que desfaz a confusão que se verifica, muitas vezes, entre os linguistas no tocante a essa categoria, definindo o modo ora como modalidade ora como ilocução. Para Hengeveld (2011) e Hengeveld e Dall’Aglio-Hattner (2015), o modo se desdobra em dois níveis diferentes, razão pela qual consideraremos aqui a ilocução (interpessoal) sempre que outra noção de modo estiver ausente na frase.

O esquema em (2) é válido para línguas que marcam as noções gramaticais por meio de morfemas, a partir dos quais é possível depreender as relações semânticas de escopo entre essas categorias. No entanto, quando elas são expressas na língua por meio de morfemas cumulativos, como é o caso do português, ilustrado em (3), a identificação de uma possível hierarquia de organização dessas categorias é difícil de ser efetuada.

(3) Nós estudávamos bastante.

Como se observa em (3), o morfema “va” acumula três funções: a de marcar o modo indicativo da oração (fato certo, realizado), o tempo verbal pretérito imperfeito e o aspecto imperfectivo (ação inacabada, incompleta). Em tese, a proximidade funcional entre essas categorias é o que parece justificar o fato de tempo e aspecto serem expressos por um mesmo dispositivo linguístico, como ocorre no português.

Assim, o objetivo deste trabalho é verificar, a partir dos preceitos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie 2008), doravante GDF, como são codificadas morfossintaticamente as noções de tempo e aspecto em línguas indígenas da família Pano, tendo em vista o princípio de ordenação dessas categorias gramaticais em relação ao verbo da sentença e as suas relações semânticas de escopo conforme os níveis e as camadas de organização hierárquica da GDF.

Mais especificamente, o nosso intuito é verificar em que medida a proposta de Hengeveld (2011), que postula a existência de uma ordenação das categorias TAM, em termos de relações de escopo, é adequada para explicar a ocorrência dessas noções gramaticais em línguas indígenas da família Pano faladas no Brasil e no Peru (matis, shanenawa, shawã, arara, katukina, yawanawá e huariapano), bem como investigar a presença de hierarquias implicacionais (que refletem as propriedades universais das línguas) entre tais categorias gramaticais e a existência de uma possível escala de acessibilidade das informações de tempo e aspecto com relação ao verbo da oração.

A escolha de línguas indígenas da família Pano não é aleatória. A seleção levou em conta os seguintes fatores: (i) procuramos selecionar línguas que listassem informações sobre as categorias de tempo e aspecto, já que nem todas as descrições tocam nesses tópicos, (ii) como são línguas que pertencem a uma mesma família, buscamos, assim, verificar se o fato de compartilharem determinados traços morfológicos pode ou não interferir no modo como as categorias de tempo e aspecto são codificadas nas línguas: as relações de escopo entre as categorias gramaticais são organizadas da mesma forma nas línguas da amostra? Tempo e aspecto se configuram de forma semelhante?

Para cumprir esses objetivos, o capítulo se organiza da seguinte maneira: primeiramente, na seção 2, apresentamos uma breve discussão sobre as relações de tempo, aspecto/acionalidade na literatura linguística e na GDF; a seção 3 traz a metodologia e a amostra de línguas indígenas analisadas no trabalho; a seção 4 trata da análise das categorias de tempo e aspecto nas línguas indígenas da amostra. Por fim, as considerações finais, com algumas generalizações, enceram a discussão do trabalho.

2. Pressupostos teóricos

2.1. Relações e distinções entre tempo e aspecto/acionalidade na literatura

O tempo, conforme Trask (2006: 287), é uma categoria gramatical que é capaz de expressar várias distinções temporais, tais como: *logo, amanhã, na próxima quarta-feira, às duas da tarde, faz 137 anos*, etc. Em algumas línguas, segundo Trask, a categoria de tempo não existe, como por exemplo, no Chinês, em que construções do tipo “Eu estou indo” e “Eu estava indo”, que apresentam diferenças temporais, não são distinguidas. Há algumas línguas, conforme Trask (2006: 287), que fazem distinção entre dois tempos, outras que fazem distinção entre três, quatro ou cinco tipos de tempo, e a língua africana Bemileke-Dschang que possui onze diferentes tipos de tempo.

Em geral, nos estudos linguísticos, o tempo é definido como uma categoria dêitica que relaciona o tempo do evento ao momento da enunciação, a partir do qual as demais instâncias temporais são diferenciadas. Segundo Bhat (1999), além dos verbos plenos, o tempo também pode ser marcado por meio de verbos auxiliares, advérbios temporais e partículas. A esse respeito, é importante lembrar, assim como faz Lyons (1977), que nem todas as línguas fazem uso da categoria gramatical de tempo. Nesses casos, a informação temporal, necessária para localizar os eventos no tempo físico, é marcada por meio de outros recursos da língua, como advérbios temporais e orações adverbiais.

Segundo Comrie (1985), o tempo cronológico geralmente apresenta três distinções temporais (presente, passado e futuro). Entretanto, muitas línguas organizam seu sistema temporal em dicotomias como “passado x não-passado (presente/futuro)” e “futuro x não-futuro (presente/passado)”, pelo fato de algumas referências temporais serem consideradas não-marcadas nas línguas, isto é, são distinguidas pelo contexto.

No âmbito da GDF, a exemplo do que fazem outros linguistas, Hengeveld e Mackenzie (2008) procuram separar as noções de *tempo relativo* e de *tempo absoluto*, afirmando que muitas línguas distinguem formalmente essas duas noções temporais:

- (4) Maria chegou em casa **depois do jantar**.
- (5) **Ontem** a Maria chegou em casa depois do jantar.

Segundo Hengeveld e Mackenzie em (4), a expressão em negrito constitui um marcador de tempo relativo, que localiza no tempo o estado de coisas “Maria chegar em casa”. Já em (5), “ontem” atua como um marcador de tempo absoluto mais amplo em relação à esfera temporal, que pode escopar um marcador de tempo relativo, como em (4). Assim, de acordo com os autores, em (4), tem-se um evento, e, em (5), um episódio constituído por um único estado de coisas. A diferença é que o tempo absoluto, que opera na camada do episódio, é sempre definido em relação ao momento da enunciação, ao passo que o tempo relativo é sempre definido a partir de outro ponto de referência no tempo (ou a partir de outro evento). No exemplo “Ele irá a Londres e ela a Paris” (Hengeveld e Mackenzie 2008: 161), tem-se um único episódio formado por dois estados de coisas, tanto que o enunciado pode ser modificado com a inserção de dois modificadores de tempo relativo, como em “Ele irá a Londres *antes do almoço* e ela a Paris *depois do jantar*”

(Hengeveld e Mackenzie 2008: 161). Nesse caso, a inserção de um modificador de tempo absoluto, como “amanhã”, afeta a construção do enunciado como um todo, o que mostra que os dois estados de coisas, “ele irá a Londres antes do almoço” e “ela a Paris depois do jantar” estão sob o escopo da marcação de tempo absoluto, que opera em uma camada mais alta do nível representacional.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008: 163), as informações de tempo absoluto e tempo relativo podem também ser expressas por meio de dispositivos gramaticais (operadores), como “*Saindo, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calçada e fazendo uma pausa para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro*”, em que o gerúndio marca a relação temporal de simultaneidade (tempo relativo) e a forma finita do último verbo (*caminhar*), conjugado no pretérito perfeito, marca a relação temporal de tempo absoluto. Essas configurações temporais mostram que o sistema de marcação de tempo pode variar a depender do tipo de língua e da situação de uso, sendo ora expresso lexicalmente ora gramaticalmente.

Com relação à categoria de aspecto, sabe-se que, diferentemente do tempo, o aspecto não constitui uma categoria dêitica e também não faz referência ao momento da enunciação (Lyons 1977: 331; Almeida 2008: 60). As distinções aspectuais especificam, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008: 130), a constituição temporal interna de um estado de coisas, e, por isso, operam na camada da propriedade configuracional que caracteriza o evento. Para os autores, o aspecto difere da noção de tempo relativo, uma vez que aquele não tem função de localização e sim de perspectivização, tanto que um estado de coisas definido em termos aspectuais pode ser localizado em qualquer ponto no tempo. Para a GDF, isso se deve ao fato de o tempo relativo ser um operador hierarquicamente mais alto do que o operador aspectual, isto é, o operador de tempo relativo escopa o operador de aspecto, o que explicaria as diferenças semânticas de escopo entre essas categorias gramaticais nas línguas.

As relações de imbricamento entre tempo e aspecto decorrem, segundo Lyons (1977), Comrie (1985), Palmer (1986), Anderson e Comrie (1991), entre outros, da própria relação de ingrediência entre essas categorias, no tocante à constituição do tempo interno (referente às noções aspectuais) e do tempo externo (referente às noções temporais), cujas divisões são traduzidas, por sua vez, por Hengeveld (2011), como reflexos das diferenças semânticas de escopo que operam entre essas categorias.

Para Hengeveld e Mackenzie, a distinção entre aspectos qualitativos (perfectivo e imperfectivo), aspectos fasais (que indicam as fases de desenvolvimento do estado de coisas) e aspectos quantitativos (iterativo, habitual e reiterativo, etc.) e a necessidade de tratá-los como operantes em diferentes camadas do nível representacional se justificam, entre outras razões, pelo fato de essas noções aspectuais poderem interagir com o quadro de acionalidade², que também marca valores aspectuais, mas por meio de relações predicacionais. Segundo os autores, uma predicação estativa, como *Alguém conhece alguém*, pode-se tornar dinâmica quando se combina com o aspecto ingressivo (ou inceptivo), como *Alguém passa a conhecer a alguém*, como em (6) e (7):

(6) *John knew his colleagues quickly. (-dinâmico)

John conhecia seus colegas rapidamente.

² Trata-se de uma informação aspectual que é expressa lexicalmente (predicação). Ver também a nota 3.

- (7) John got to know his colleagues quickly. (+dinâmico)
John conheceu seus colegas rapidamente. (Hengeveld e Mackenzie 2008: 211)

Da mesma forma, a aplicação de um operador de aspecto prospectivo, progressivo ou resultativo a uma predicação estativa,³ em inglês, transforma-a, conforme Hengeveld e Mackenzie, em uma predicação não dinâmica.

- (8) What he did was run. (+dinâmico)
O que ele fez foi correr.
- (9) *What he did was going to run/be running/have run. (-dinâmico)⁴
O que ele fez foi se colocar para correr/estar correndo/ter corrido.

O mesmo processo se observa com relação às distinções de aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo, que, segundo os autores, podem afetar a momentaneidade de um estado de coisas (como *Os soldados alcançaram o topo*), quando, por exemplo, o valor de aspecto imperfectivo cursivo é acrescido a esse evento (Comrie 1976), resultando em algo não momentâneo (como *Os soldados estavam chegando ao topo*).

Assim, entender que o estudo “do aspecto e das classes acionais⁵ trata do processo expresso pelo verbo em sua dimensão *espacial*” (Ilari e Basso 2012: 170) é essencial, segundo os autores, para distinguir entre as duas “classes” aspectuais e o tempo, uma vez que a referência temporal é essencialmente “dêitica” e “corresponde a um conjunto de opções de ordenação cronológica, de anterioridade, simultaneidade e posterioridade”, ao passo que o aspecto e as classes acionais “não têm nada a ver com as circunstâncias da fala; não são categorias dêiticas, e sim conceituais”.

Para a GDF, como veremos a seguir, os traços de proximidade e distinção entre tempo e aspecto resultam do fato de cada uma dessas categorias gramaticais operar em camadas diferentes do nível representacional e terem ambas escopos distintos.

³ A acionalidade, conforme Dekel (2010), baseada em Dik (1989), pode ser dividida em quatro tipos: (i) estado (state), que representa uma situação, (ii) realização (achievement), que representa um evento, (iii) mudança (accomplishment), que representa um processo, e (iv) atividade (activity), que representa uma ação. Esses quatro tipos de acionalidade são, segundo Dekel (2010: 32), exemplificados pelos verbos “ser/estar”, “cheirar”, “explodir”, e “caminhar/andar”, respectivamente, conforme se verifica a seguir:

- (a) João está doente.
(b) A mãe cheirou o bebê.
(c) A bomba explodiu no shopping.
(d) O menino caminhou até a escola.

Em (a), tem-se um estado, que apresenta os traços semânticos [-dinâmico] e [-controlado]. Em (b), o estado de coisas designa um evento (realização), que apresenta os traços [+têlico], [+controlado] e [+dinâmico], enquanto que, em (c), o estado de coisas expressa um processo (mudança), que contém os traços [+têlico], [-controlado] e [+dinâmico]. Em (d), temos um estado de coisas que designa uma ação (atividade), que é definida pelos traços [-têlico], [+controlado] e [+dinâmico].

⁴ Os exemplos em (8) e (9), mencionados por Hengeveld e Mackenzie (2008), são de Steedman (1977).

⁵ Dekel (2010: 32) diz que a acionalidade se manifesta nas línguas por meios lexicais (formas predicativas), enquanto que o aspecto é expresso nas línguas por meios exclusivamente gramaticais (afixos). Isso quer dizer, segundo esse autor, que a acionalidade representa um significado intrínseco que é expresso pela própria semântica do verbo e não por algum dispositivo gramatical.

2.2. As categorias de tempo, aspecto e modo na GDF

Na GDF, as distinções entre tempo, aspecto e modo, incluindo outras categorias, são apreendidas pela organização hierárquica do modelo teórico, que prevê que as gramáticas das línguas se organizam de forma ordenada. Em outros termos, para Hengeveld e Mackenzie (2008); Hengeveld (2011) e Hengeveld e Dall’Aglío-Hattner (2015), o funcionamento distinto de tempo, aspecto e modo se dá pela ordenação e pelas diferenças de escopo dessas categorias em relação aos níveis e às camadas de organização da GDF, conforme se vê, de forma esquemática, no quadro 1:

Quadro 1: As categorias de tempo, aspecto, modo e evidencialidade na GDF (adaptado de Hengeveld 2011: 5; Hengeveld e Dall’Aglío-Hattner 2015: 482).

Nível Interpessoal	<i>Ato discursivo</i>	<i>Ilocução</i>	<i>Conteúdo comunicado</i>	<i>Subato</i>	
<i>Modo</i>		Ilocução básica			
<i>Evidencialidade</i>			Reportativo		
Nível Representacional	<i>Conteúdo proposicional</i>	<i>Episódios</i>	<i>Estado-de-coisas</i>	<i>Propriedade configuracional</i>	<i>Propriedade lexical</i>
<i>Aspecto</i>			Quantificação de evento	Aspecto fasal (im)perfectividade	
<i>Tempo</i>		Tempo absoluto	Tempo relativo		Predicado
<i>Evidencialidade</i>	Inferência	Dedução	Percepção de eventos		
<i>Modo</i>	Modalidade epistêmica subjetiva	Modalidade epistêmica objetiva	Modalidade orientada para o evento	Modalidade orientada para o participante	

De acordo com Hengeveld (2011: 5) e Hengeveld e Dall’Aglío Hattner (2015: 482), no quadro 1, tem-se, inicialmente, um predicado que designa uma propriedade que se aplica a um ou mais participantes formando uma predicação, isto é, um estado de coisas (na forma de um Conceito Situacional ou propriedade Configuracional, segundo Hengeveld e Mackenzie 2008), que pode ser localizado no tempo e no espaço e pode ser avaliado em termos de sua existência. Segundo Hengeveld e Mackenzie, as propriedades configuracionais constituem os moldes de predicação, que podem variar nas línguas no tocante ao número de argumentos requisitados pelo predicado (definido na GDF como valência quantitativa) e à necessidade de expressão dessas unidades em termos de funções semânticas, a saber: Ativo (*Actor*), Inativo (*Undergoer*) e Locativo.

Para Hengeveld e Dall’Aglío Hattner (2015: 482), tempo, aspecto e modo não são categorias uniformes no que diz respeito a sua aplicação às camadas semânticas de organização, mas podem ser agrupadas em diferentes subcategorias a depender das suas relações de escopo. Conforme os autores e Hengeveld (2011), o aspecto pode ser subdividido em duas categorias, sendo a primeira voltada para as noções de aspecto quantitativo (como habitual), que quantificam o estado de coisas como um todo, e a segunda voltada para as noções de aspecto qualitativo (como imperfectivo e resultativo), que afetam a constituição temporal interna de um estado de coisas. O tempo, por sua vez, é dividido em noções de tempo absoluto (tais como presente, passado e futuro), que

localizam (uma série de) estado de coisas no tempo com relação ao momento de fala, e em noções de tempo relativo (tais como anterior e posterior), as quais localizam um estado de coisas no tempo a partir do tempo de outro estado de coisas.

Como se pode ver, as categorias de tempo e aspecto mantêm entre si um forte relacionamento, no entanto, para Hengeveld e Mackenzie (2008) e Hengeveld (2011), quando essas informações são codificadas nas línguas por meio de morfemas, especialmente, é possível correlacionar, aproveitando parte da ideia de Bybee (1985), a ordem dessas categorias com relação ao predicado da oração e o nível e a camada de organização da gramática em que cada uma dessas categorias opera, no sentido de que a informação que é essencial e afeta diretamente o predicado tende a se posicionar mais próximo da base verbal e, conseqüentemente, operar em camadas mais baixas do nível representacional da GDF, enquanto que as informações, como modo, número e pessoa, que são relevantes, porém, opcionais, tendem a se posicionar mais distantes da base verbal e operar, por sua vez, em níveis e camadas de organização mais altos da GDF.

3. Hierarquias implicacionais, metodologia e amostra de línguas

Hengeveld (2004), ao tratar de tipologia linguística, assinala que uma das maneiras mais eficientes de analisar dados de várias línguas é por meio do uso de hierarquias implicativas. Essas hierarquias, descobertas a partir do método tipológico, refletem, segundo o autor, a presença de universais linguísticos ou tendências.

Os universais linguísticos, de acordo com Hengeveld (2004), são expressos em forma de implicações universais que são, normalmente, unilaterais, assim como se pode observar na representação em (10), adaptado de Hengeveld (2004):

(10) Propriedade A < Propriedade B

A implicação universal em (10) define as seguintes combinações possíveis:

(11) A < B
 + +
 + -
 - -
 - + (*)

Conforme a disposição das hierarquias implicacionais em (11), podemos observar que a presença de uma propriedade B em uma dada língua implica também a presença da propriedade A nessa mesma língua, no entanto, a ausência de B não implica a ausência de A. Seguindo essas relações implicativas, a única combinação de traços que não ocorrerá em nenhuma língua é a ausência de A na presença de B. Das combinações logicamente possíveis ($2^2 = 4$) se exclui uma, ou seja, 25%.

Sendo assim, quando se descobre a existência de uma hierarquia implicativa, muitas são, conforme o autor, as indagações sobre o porquê de sua existência na(s) língua(s). No caso da disposição das categorias de tempo, aspecto e modo, dentre outras, acreditamos que as hierarquias implicacionais refletem o processo de iconicidade das línguas, que tendem a manter próximo da base o que é essencial.

Para a análise das noções de tempo e aspecto nas línguas indígenas da família Pano e para a identificação de hierarquias implicacionais entre essas categorias gramaticais, adotamos como suporte teórico o modelo da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), e utilizamos dados linguísticos secundários, provenientes de teses publicadas no Brasil e no exterior, disponibilizados em arquivo pdf. Cabe lembrar que as glosas originais utilizadas pelos autores nem sempre são mantidas, uma vez que os dados coletados nas gramáticas são reinterpretados à luz da GDF e das normas de glosamento interlinear morfema-por-morfema de Leipzig Glossing Rules (2016). Dessa forma, sugerimos, sempre que for necessário, que o leitor consulte os textos originais.

A amostra de línguas indígenas analisadas neste estudo é composta como segue:

Quadro 2: Amostra de línguas indígenas da família Pano

Línguas	Filiação genética	Localização	Referências
Shanenawa	Pano	Acre (Envira) - Feijá	Cândido (2004)
Yawanawá		Acre (Rio Gregório) - Tarauacá	Paula (2004)
Shawã		Acre (Juruá)	Souza (2012)
Arara		Acre (Humaitá) - Cruzeiro do Sul	Cunha (1993)
Katukina		Amazonas (Rios Biá/Jutai)	Dos Anjos (2011)
Matis		Amazonas (Médio Ituí) - Javari	Ferreira (2005)
Huariapano		Amazônia (Peru) - Rio Sarayacu	Gomes (2010)

Segundo Ferreira (2003: 1248-1257), a família linguística Pano⁶ é composta por vinte e oito línguas, cujos falantes habitam as regiões fronteiriças do Brasil, Peru e Bolívia. Trata-se de uma família que ainda não possui, conforme ressaltam Cândido (2004: 11) e Ferreira (2005: 25), classificação em tronco. Alguns linguistas (Greenberg 1956; d'Ans et al. 1973 apud Ferreira 2005: 25) aventaram a hipótese de existência de um provável tronco comum Pano-Takana, mas isso ainda não é um consenso entre eles.

⁶ Segundo Cândido (2004: 11), no Brasil, as línguas indígenas Pano denominadas arara, corubo, culina, karipuna, katukina do Acre, kaxarari, kaxinawá, marubo, matis, matsés, maya, nawa, nukini, poyanáwa, shanenawa, yamináwa e yawanawa, se distribuem em uma região que compreende, segundo Rodrigues (1986), o sul e o oeste do Acre, estendendo-se para leste até a parte ocidental de Rondônia e, ainda, o norte no Estado do Amazonas entre os rios Juruá e Javari.” (Candido 2004, p.11).

4. As categorias de tempo e aspecto em línguas indígenas da família Pano

4.1. As relações semânticas de escopo entre tempo e aspecto

Os dados analisados aqui mostram que a distribuição das categorias de tempo e aspecto nas línguas indígenas Pano da amostra tende a respeitar o princípio de ordenação das relações semânticas de escopo entre essas categorias gramaticais com relação ao predicado verbal, tal como propõe Hengeveld (2011) em (12):

(12) (modo(tempo(aspecto(predicado+argumentos)))

Segundo Hengeveld (2011), a ordenação das relações de escopo entre as categorias gramaticais, em (12), pode sofrer alterações, em especial, por conta do tipo de morfologia das línguas, entretanto, mesmo que as categorias se organizem de outras formas, tais como a ordenação Verbo-Modo-Tempo-Aspecto, o que importa, segundo Hengeveld, é que as relações de escopo entre essas categorias de alguma forma se estabeleçam nas línguas. Em nossa amostra, a ordenação em (12) é a que predomina.

Os exemplos em (13a-d) são ilustrativos das possibilidades de marcação e ordenação das informações de tempo, aspecto e modo nas línguas da amostra:

(13) a. Matis (Ferreira 2001: 65)

dunu-Ø pe-**an-e-k**
 cobra-ABS morder-HAB-N-PST-DECL
 ‘A cobra sempre morde’

b. Shanenawa (Cândido 2004: 116)

jura nami pi-Ø-**ni**
 pessoa carne comer-PFV-PST.REM
 ‘O povo comeu a carne’

c. Shawã (Souza 2012: 79)

aihu-nu manja-Ø fui-**ka-u-ki**
 mulher-ERG banana-ABS assar-IPFV-PST.REM-DECL
 ‘A mulher assava banana’

d. Huariapano (Gomes 2010: 60)

e-bi-ra bajquish ano yomera-**i-ca-i**
 1SG-ENF-ERG não-hoje paca caçar-IPFV-ir-N.PST
 ‘Eu irei caçar paca amanhã’ (ME: antes do MA)

Aplicando a proposta de classificação em (12) às categorias gramaticais presentes em (13a-d), chegamos à seguinte hierarquia de relações de escopo (em 14a-d):

(14) a. Raiz -1 -2 -3
 I -**an** -**e** -**k**

1. Aspecto quantitativo \subset 2. Tempo (N.PST) \subset 3. Ilocução (DECL)

b. Raiz -1 -2
pi- ∅ -ni

1. Aspecto qualitativo (PFV) ⊂ 2. Tempo (PST.REM)

c. Raiz -1 -2 -3
jui -ka -u -ki

1. Aspecto qualitativo (IPFV) ⊂ 2. Tempo (PST.REM) ⊂ 3. Ilocução (DECL)

d. Raiz -1 -2
yomera -i ca -i

1. Aspecto qualitativo (IPFV) ⊂ 2. Tempo Não-Passado (FUT)

Em (14a), temos um caso de aspecto habitual (quantitativo) que funciona como um operador na camada do estado de coisas do Nível Representacional, escopando o evento como um todo. Nos exemplos (14b,c), encontramos duas construções em que o aspecto qualitativo também funciona como um operador na camada da propriedade Configuracional, especificando apenas a estrutura temporal interna do estado de coisas. Em (14d), tem-se um caso de aspecto imperfectivo (segundo Gomes 2010: 60), associado ao tempo futuro (marcado na língua por meio da perífrase com o verbo *ir*), que parece ser mais bem classificado como um tipo de aspecto prospectivo, que indica uma ação incompleta, mas que está prestes a ser concretizada. É um tipo de aspecto que, a nosso ver, especifica o estado de coisas como um todo, indicando uma ação próxima.

Já em (15), no entanto, o aspecto frustrativo atua como um operador na camada da propriedade lexical porque afeta o significado lexical do verbo e não o evento.

Shanenawa (Cândido 2004: 155)

(15) runu nawa naka-**kuan-a**
cobra homem morder-FRUST-PST.IMED
'A cobra quase mordeu o homem.'

Em (15), o sufixo {-kuan} funciona como um operador aspectual na camada da propriedade lexical, como se pode ver em (16), em que {-kuan} altera o significado lexical (semântico) do verbo "naka" (morder). Nesse caso, o operador frustrativo indica que a ação de "morder" o homem foi quase realizada/efetuada (frustrada).

(16) (past ep_i:(e_i:[(f_j:[(frust f_k: naka_v(f_k))(x_i: cobra (x_{iA})(x_{jU}:homem (x_{jU})](f_j)](e_i)](ep_i)))

Como se pode observar, a ordenação das informações de tempo, aspecto e modo segue, em geral, a proposta de classificação de Hengeveld (2011), em que primeiramente se verifica a marcação de aspecto, seguida da marcação de tempo, e, por fim, a marcação de modo/ilocução. Há casos em que a indicação de modo pode aparecer antes das marcações de aspecto e tempo com relação ao predicado, fato que poderia criar uma ruptura na proposta de ordenação dessas categorias gramaticais, entretanto, esses casos de ordenação alternativa da categoria de modo são de baixa frequência nas línguas. Além disso, essa ordenação pode variar a depender (i) do tipo de voz verbal, se a sentença está na voz ativa ou na voz passiva, (ii) do tipo de ilocução: quando a ilocução é interrogativa, a disposição desses marcadores se diferencia do padrão de ordenação de sentenças declarativas, e (iii) da presença de negação.

Em línguas como arara, em (17), a marca de tempo pode aparecer antes da marca de aspecto, porém, mais uma vez essa ordenação é minoritária entre as línguas.

(17) Arara (Cunha 1993: 112)

i kapi riti-i-biš
 eu jacaré matar-N.PST-HAB
 ‘Eu mato jacaré sempre’

Mesmo nos casos em que se verifica apenas a presença de duas categorias gramaticais, como tempo e aspecto, ou então apenas uma delas, a proposta de ordenação dessas noções semânticas, com relação às camadas de organização da GDF, se mantém parcialmente, mostrando que o que se encontra mais próximo da raiz verbal ou do predicado verbal tende a se posicionar na camada representacional da propriedade lexical, passando pela camada da propriedade configuracional, até chegar à camada do estado de coisas, na qual se observam as marcações de aspecto quantitativo que escopam as marcações de aspecto qualitativo, estando, todas, sob o escopo do tempo.

Nesse sentido, os exemplos listados aqui mostram que os sufixos que indicam aspecto tendem a se colocar mais próximos do predicado (verbo), ficando sob o escopo das marcações de tempo, enquanto os sufixos que indicam tempo e modo tendem a permanecer à margem do predicado, estando os marcadores de tempo, muitas vezes, sob o escopo de marcadores de ilocução. Essa relação de escopo entre aspecto, tempo e modo/ilocução é justificada pelo fato de que essas categorias gramaticais operam em diferentes camadas de organização gramatical (Hengeveld e Mackenzie 2008). Em outras palavras, as noções de aspecto, tempo e modo/ilocução são categorias gramaticais que se organizam nas línguas de modo hierárquico, no sentido de que uma categoria está sob o escopo de outra. A esse respeito, Hengeveld e Mackenzie assinalam que, no modelo da GDF, as noções de tempo e aspecto operam no nível representacional, por serem definidas como categorias semânticas, e a ilocução opera no nível interpessoal, por indicar o propósito comunicativo do falante na interação. Já a categoria de modo (modalidade) está alocada no nível representacional, porque indica o comprometimento do falante com relação ao valor de verdade da proposição.

O quadro 3, a seguir, ilustra a tendência e os padrões possíveis de ordenação de marcadores TAM encontrados na amostra de línguas indígenas Pano analisadas:

Quadro 3: Padrões de ordenação dos marcadores TAM nas línguas indígenas Pano.

Línguas	Ordenação dos marcadores de tempo, aspecto e modo com relação ao verbo (raiz verbal)
yawanawá, shanenawa, arara	V-T-A-M ou V-A-T-M
shawã, katukina, matis, huariapano	V-A-T-M
----	*V-M-T-A
----	*T-A-M-V

Como previsto em Hengeveld (2012), não encontramos nas línguas indígenas em análise casos de marcadores TAM que seguissem os seguintes padrões de ordenação: V-M-T-A e T-A-M-V, pois tais ordenações são tidas como agramaticais. Os casos representados por M-V-A-T, apesar de não violarem totalmente a expectativa do autor, não permitem avaliar as relações de escopo entre as categorias TAM quanto ao verbo.

O quadro 4, por seu turno, ilustra a preferência de ordenação dos marcadores TAM nas línguas Pano da amostra em termos de frequência, iconicidade e restrição:

Quadro 4: Preferência de ordenação das categorias TAM nas línguas indígenas Pano.

V-T-A-M		V-A-T-M
-Frequente -Icônico +Restrito cognitivamente	→	+Frequente +Icônico -Restrito cognitivamente

Ao que tudo indica, o padrão (V-A-T-M) que respeita as relações semânticas de escopo entre as categorias TAM demanda menos esforço cognitivo dos falantes, pois é mais facilmente acessado por eles na situação de comunicação. Nesse caso, o aumento da frequência de uso de tal padrão entre as línguas reforça o seu caráter icônico.

4.2. As formas de manifestação de aspecto e tempo nas línguas indígenas

O quadro 5 ilustra as estratégias de codificação morfossintática das categorias de aspecto e tempo nas línguas indígenas da amostra:

Quadro 5: Formas de codificação morfossintática de aspecto e tempo nas línguas indígenas Pano.

	Aspecto	Tempo
Shanenawa	-PFV {-Ø}/ -IPFV {-paw} -DUR {-Ø} / -HAB {-mis} -INCEP {ADV. ma} -PROSP {-paj} -FRUST {-kuan/-panan}	-N-PST (PRS.PONT/DUR/FUT {-i}) -PST.IMED {-a} -PST.REC {-ʃian} -PST.DIST {-tamia} -PST.REM {-ni}
Yawanawá	-PFV {tiru/-tam̩a}/ -IPFV {-ai} -DUR {-kai/-kani} -HAB {-misi} -PROSP {adv. iamiri}	-N-PST (PRS/FUT {-Ø}) -PST.IMED {-a} -PST.REC {-ʃian/-ʃinna} -PST.DIST {-pauni} / -PST.REM. {-ni}
Shawã	-PFV {-Ø}/ -IPFV {-ka} -DUR {-kandi} / -HAB {-biš} -PROSP {-pai} -FRUST {-Ø}	-PST.PONT {-kandi} -PST.IMED {-i} / -PST.REC {-u} -PST.DIST {-tambia} -PST.REM {-ki} -FUT {-u/-i}
Arara	-PFV {-tãb̩ia}/ -Imperf. {-biš} -DUR {-kãdi} / -HAB {-biš/-š} -INCEP {-tãb̩ia} -PROSP {-ki}	-N-PST (PRS/FUT {-i}) -PST.IMED/REC {-a} -FUT {-ki}

Katukina	-PFV {=ka}/ -Imperf. {-nin/-Ø} -DUR {-nin} / -HAB {adv. kudu} -PROSP {=wan} -FRUST {=dirin}	-N-FUT (PST/PST.IMED) -PST.REC/PST.REM {-Ø} -FUT.DIST {=tya} -FUT.REC {=tyi:n}
Matis	-PFV {-wid}/ -Imperf. {-kin} -DUR {-bud/-bene/-kene} -HAB {-kid/-dene/-e} -INCEP {-do}/ -PROSP {-tid} -FRUST {-tsen/-tşakan}	-N.PST (PRS/FUT {-e}) -PST.REC {-a} -PST.DIST {-bonda} -PST.REM {-anpi}
Huariapano	-PFV {-Ø} -IPFV {-a(i)} -DUR {-ni} -HAB {-mis/-miz}	- N.PST (PRS/FUT.IMED {-i}) -PST.REC {-qui/-que} -PST.REM {-cati} -FUT.DIST {-noshi/-nossi}

Conforme se verifica no quadro 5, as áreas em cinza representam as línguas que possuem marcações exclusivas (individuais) para as noções de tempo e aspecto (ou utilizam sufixos ou advérbios para essa finalidade), ao passo que as áreas em branco representam aquelas línguas que utilizam uma única estratégia gramatical (morfemas cumulativos ou uma combinação das marcações de tempo e aspecto) para codificar uma das duas noções semânticas de tempo/aspecto, tal como ocorre em yawanawá.

O quadro 6 traz a reclassificação dos tipos de aspecto de acordo com a tipologia aspectual adotada neste trabalho, que é de natureza mais genérica:

Quadro 6: Reclassificação dos tipos de aspecto de acordo com tipologia aspectual adotada no trabalho

Shanenawa (Candido, 2004)	Completo	Incompleto	Durativo/incompleto	Habitual	???	Iminentivo	---
Yawanawá (Paula, 2004)	Finalizado	Não-finalizado	Tempo recente	Habitual	---	---	---
Shawā (Souza, 2012)	Completo	Incompleto	Durativo	Habitual	Iminentivo	Frustativo	---
Arara (Cunha, 1993)	Ação recente (TR)	Ação recente (TR)	Pontual (N.PST)	Frequentativo (N.PST; PST)	Futuro (TNR)	---	---
Katukina (Anjos, 2011)	Perfectivo/Não-futuro	Não-futuro	Durativo	Iterativo	Futuro Imediato	---	---
Matis (Ferreira, 2005)	Passado indeterminado	Não-passado	Durativo	Habitual presente/passado	Inconclusivo involutário	Inconclusivo	Inceptivo
Huariapano (Gomes, 2010)	Completo	Incompleto	Progressivo	Habitual	Eminentivo	---	---
Nossa proposta de classificação	Perfectivo	Imperfectivo	Durativo	Habitual	Prospectivo	Frustativo	Inceptivo

O quadro 6 traz informações diversas sobre tempo e aspecto, a partir do uso de diferentes terminologias, que são aqui reinterpretadas e listadas na linha em cinza. O quadro mostra que as línguas indígenas da amostra apresentam, pelo menos, quatro tipos de aspecto (perfectivo, imperfectivo, durativo e habitual), que recobrem as principais distinções aspectuais elencadas por Hengeveld (2011): o qualitativo (aspecto que indica se uma ação apresenta-se como acabada ou inacabada) e o quantitativo (aspecto que indica duração/extensão e habitualidade de um evento). Já os demais tipos de aspecto que indicam outras formas de perspectivização, tais como o prospectivo, o frustrativo e o inceptivo, são menos frequentes nas línguas indígenas analisadas.

O quadro 7, por sua vez, mostra que o sistema temporal das línguas indígenas em análise não segue a divisão tradicional de tempo (em passado, presente e futuro), mas uma divisão binária, como *passado x não-passado* e *futuro x não-futuro*:

Quadro 7: Divisão do tempo nas línguas indígenas Pano com relação ao sistema tradicional de classificação das relações temporais (passado, presente e futuro).

	Passado	Presente	Futuro
Shawã	Passado	Presente	Futuro
Yawanawa	Passado	Não-Passado (Presente/Futuro)	
Arara	Passado	Não-Passado (Presente/Futuro)	
Matis	Passado	Não-Passado (Presente/Futuro)	
Huariapano	Passado	Não-Passado (Presente/Futuro)	
Shanenawa	Passado	Não-Passado (Presente/Futuro)	
Katukina	Não-Futuro (Presente/Passado)		Futuro

Os exemplos, abaixo, ilustram alguns casos de marcação binária de tempo:

- (18) Yawanawá (Paula 2004: 124)
 atu-n ia-Ø kuʃa-Ø
 3SG-ERG 1SG-ABS bater-N.PST = Não-passado (presente)
 ‘Ele bate em mim’
- (19) Arara (Cunha 1993: 109)
 Mã aua nãbi pi-i
 vocês anta carne comer-N.PST = Não-passado (presente)
 ‘Vocês comem carne de anta’
- (20) Arara (Cunha 1993: 110)
 ni ka-i
 nós ir-N.PST = NÃO-PASSADO (FUTURO)
 ‘Nós vamos’
- (21) Katukina (Dos Anjos 2011: 186)
 aninton pi:kan idi:k=wa
 hoje, agora deitar 2SG=FUT.IMED = FUTURO
 ‘Agora você vai deitar’

Em (18), o tempo não-passado, em oposição ao tempo passado que possui marcação específica na língua, tem valor de tempo presente, cujo valor só é distinguido pelo contexto de uso, tendo em vista que esse marcador também é usado o tempo futuro. Em (19) e (20), temos, respectivamente, um caso de tempo não-passado com valor de presente e um caso de tempo não-passado com valor de futuro. A marcação para as duas acepções temporais é a mesma {-i}, cuja distinção funcional é feita pelo contexto. Por fim, temos um caso de marcação futuro x não-futuro, em que o tempo futuro recebe marcação particular na língua, enquanto os valores de presente e passado ou são distinguidos pelo contexto de uso ou então pela própria marcação de aspecto. Em (21), a distinção temporal se dá entre futuro (que é marcado) e não-futuro (presente/passado).

A única língua da amostra que apresenta um sistema ternário de tempo é a língua shawã, que possui marcador específico para cada uma das dimensões temporais.

Os dados, a seguir, ilustram algumas outras formas de correlação entre tempo e aspecto nas línguas da amostra e seus dispositivos de codificação morfossintática:

- Aspecto perfectivo: indica uma ação acabada.

(22) Yawanawá (Paula 2004: 127)

nu-n-hin mui Suma aia-**tiru**
 1SG-ERG-FOC boi peito beber-PFV
 ‘Nós acabamos de beber leite’

- Aspecto prospectivo: indica uma ação que está por vir (em potencial)

(23) Arara (Cunha 1993: 115)

aĩvi rirariri-**i-ki**
 mulher cantar-N.PST-PROSP
 ‘A mulher vai cantar’ (ou ‘A mulher está para cantar’).

- Aspecto frustrativo: indica que uma ação foi quase concluída

(24) Shanenawa (Cândido 2004: 155)

runu nawa naka-**kuan-a**
 cobra homem morder-FRUST-PST.IMED
 ‘A cobra quase mordeu o homem’

- Aspecto inceptivo: indica o início de uma ação

(25) Matis (Ferreira 2005: 139)

mište kuke-**do-e-k**
 lenha queimar-INCEP-PRS-DECL
 ‘A lenha começa a queimar’

Os exemplos listados aqui mostram que os sufixos que marcam os aspectos frustrativo e inceptivo atuam como operadores na camada zero (\bar{A}) do nível representacional, chamada de propriedade *lexical* (f_{lex}), pelo fato de o aspecto afetar o significado lexical do verbo, isto é, os verbos envolvidos com esse tipo de informação aspectual têm o seu significado lexical alterado porque indicam ou o início de uma ação ou a quase realização de uma ação (o foco não é na ação como um todo). Esses casos são diferentes, pois, de outros aspectos que ora operam na camada da propriedade configuracional, como os aspectos perfectivo, imperfectivo e durativo, ora na camada do estado de coisas, como o aspecto habitual (repetição/frequência de uma ação).

A categoria de tempo vem logo após a categoria de aspecto, situando-se, em especial, na camada do estado de coisas, seguida pela categoria de modo/ilocução, que se coloca mais distante do verbo pelo fato de não impactar a base com o mesmo peso.

4.3. As correlações funcionais entre tempo e aspecto nas línguas indígenas

A figura 1 ilustra as possíveis correlações entre tempo e aspecto nas línguas Pano:

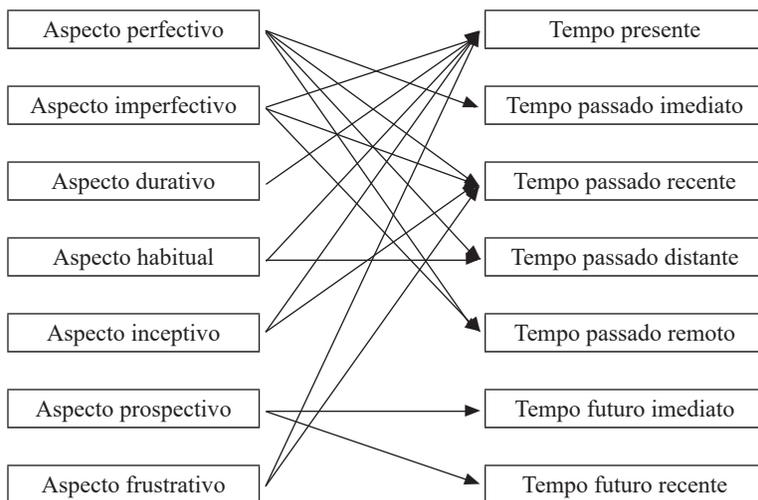


Figura 1: Correlações entre tempo e aspecto nas línguas indígenas da família Pano

A figura 1 mostra que as relações de maior proximidade entre tempo e aspecto ocorrem entre os aspectos perfectivo e imperfectivo e os tempos presente e passado, contextos que, a nosso ver, favorecem a ocorrência de morfemas cumulativos para codificar tais categorias gramaticais de maneira mais econômica. Já os tempos futuros, ao que tudo indica, parecem bloquear ou restringir a ocorrência de nuances aspectuais.

Assim como fazem Kapp (2013) e Dall’Aglio-Hattner (2017), que apontam a existência de uma relação próxima entre tempo e evidencialidade, possibilitando a identificação de 4 tipos distintos de evidencialidade, aqui também é possível verificar uma estreita correlação entre alguns tipos de aspecto e alguns tipos de tempo. Vejamos:

Aspecto imperfectivo (incompleto)

(26) Shanenawa (Cândido 2004: 116)

jura-n nami-Ø pi-paw-ni-ki
 povo-ERG carne-Abs comer-IPFV-PST.REM-DECL
 ‘O povo comia carne’

(27) Shanenawa (Cândido 2004: 117)

awinhu-n şipi-Ø şui-Ø-i-ki
 mulher-ERG banana-Abs assar-IPFV-PRS-DECL
 ‘A mulher está assando banana’

Aspecto perfectivo (completo)

(28) Shanenawa (Cândido 2004: 116)

awinhu-n şipi-Ø şui-Ø-ni-ki
mulher-ERG banana-ABS assar-PFV-PST.REM-DECL
‘A mulher assou banana’

(29) Shanenawa (Cândido 2004: 116)

a ka-Ø-a-ki
3SG ir-PFV-PST.IMED-DECL
‘Ele já se foi’

Nos exemplos acima, verificamos que o imperfectivo e o perfectivo mantêm uma relação muito próxima com alguns tipos de tempo: em shanenawa, o aspecto imperfectivo só se relaciona com os tempos passado recente, como em (26), e presente, como em (27). Já o aspecto perfectivo só se relaciona com os tempos passado: passado remoto, em (28), passado imediato, em (29), passado recente e passado longínquo. O imperfectivo, como expressa uma ideia inacabada do processo, só se relaciona com tempos que apresentam simultaneidade com o momento de fala ou com tempos passados (anteriores ao momento de fala), que expressam uma ação inacabada.

Em (30), tem-se um caso de aspecto frustrativo, que, em geral, tende a se correlacionar com o tempo passado, de preferência o passado recente ou imediato:

Aspecto frustrativo (reanálise)

(30) Matis (Ferreira 2005: 136)

ibi wapa-n pe-tşakan-a-ş
1SG.ABS cachorro-ERG morder-FRUST-PST.REC-3EXP
‘O cachorro quase me mordeu’

Em (30), o sufixo {-tşakan} indica uma ação frustrada (abortada), que estava prestes a acontecer, mas não foi concluída. Geralmente, esse tipo de aspecto se relaciona com alguma noção de tempo passado que se encontra muito próximo do momento de fala, tais como o passado recente, como em (30), ou o passado imediato.

Por fim, no que diz respeito ao aspecto inceptivo, vê-se que tal valor aspectual só se correlaciona com os tempos passado recente ou não-passado (presente), como em:

Aspecto inceptivo

(31) Matis (Ferreira 2005: 139)

inbi nami-Ø kodoka-do-a-k
1SG.ERG carne-ABS cozinhar-INCEP-PST.REC-DECL.
‘Eu comecei a cozinhar a carne’

(32) Matis (Ferreira 2005: 139)

mişte-Ø kuke-do-e-k
lenha-ABS queimar-INCEP-N.PST-DECL
‘A lenha começa a queimar’

Em (31), o aspecto inceptivo, marcado pelo sufixo {-do}, opera juntamente com o marcador de tempo passado recente {-a}, designando uma ação que começou há pouco, muito próxima do momento de fala. Já em (32), a inceptividade coincide com o momento de fala, razão pela qual o tempo escolhido é o não-passado (presente).

Quando as distinções de tempo são binárias (passado x não-passado/ futuro x não-futuro), como ilustrado em (32), as correlações entre tempo e aspecto se mantêm da mesma forma, motivo pelo qual não especificamos as relações binárias na figura 1.

4.4. Distribuição dos tipos de aspecto e tempo e as hierarquias implicacionais

A tabela 1 mostra a distribuição das noções de aspecto e tempo nas línguas indígenas Pano, bem como as possíveis hierarquias implicacionais entre elas.

Tabela 1: Hierarquias implicações e distribuição de tempo e aspecto nas línguas da amostra⁷

Categorias	ASPECTO						TEMPO									
	Perfectivo	Imperfectivo	Durativo	Habitual	Prospectivo	Frustrativo	Inceptivo	Presente	Pass. imediato	Pass. recente	Pass. distante	Passado remoto	Fut. imediato	Fut. próximo	Futuro distante	Fut. hipotético
Línguas																
Shanenawa	+	+	+	+	?	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	-
Matis	+	+	+	+	+	+	+	(+)	+	+	+	+	(+)	-	-	-
Katukina	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	-	-	+	+	+	-
Arara	+	+	+	+	+	-	-	(+)	+	(+)	-	-	(+)	-	-	-
Shawã	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	(+)	-
Yawanawá	+	+	+	+	-	-	-	(+)	+	+	+	+	(+)	-	-	-
Huariapano	+	+	+	+	+	-	-	(+)	+	+	(+)	+	(+)	(+)	-	-

Os dados da tabela 1 determinam uma hierarquia implicacional entre os tipos de aspecto e os tipos de tempo, na qual a presença de um tipo de aspecto ou tempo situados à esquerda da tabela pressupõe a existência de outros tipos de aspecto/tempo situados à sua direita, de modo que se os aspectos durativo e habitual e o tempo passado imediato ocorrem na língua, os aspectos perfectivo e imperfectivo e o tempo presente, respectivamente, também precisam estar presentes na língua, caso contrário, dificilmente os demais tipos de aspecto e tempo alocados à esquerda ocorrerão.

A tabela 2 exibe as configurações possíveis de marcação de aspecto e tempo – atestadas e não-atestadas – nas línguas indígenas da amostra, previstas pela hierarquia implicacional da tabela 1, que aponta os aspectos perfectivo e imperfectivos como as noções aspectuais mais básicas nas línguas e o tempo presente como o ponto de ancoragem para a especificação das demais noções temporais (contextuais ou não).

⁷ Nas tabelas 1 e 2, o sinal “?” indica que não temos certeza da existência daquela categoria na língua e o sinal “(+)” indica que a categoria existe na forma de relação binária ou foi reinterpretada neste artigo.

Tabela 2: Configurações possíveis da marcação de aspecto e tempo nas línguas da amostra.

	PERF	IMPERF	DUR	HAB	PROSP	FRUST	INCEP	
Matis	+	+	+	+	+	+	+	
Shawã	+	+	+	+	+	-	-	
Yawanawá	+	+	+	+	-	-	-	
não-atestado	-	+	+	+	+	+	+	
não-atestado	-	-	-	-	-	-	-	
	PR	PI.	P.R.	P.REM.	P.D.	F.I.	F.P.	F.D.
Shanenawa	+	+	+	+	+	+	+	+
Matis	+	+	+	+	+	(+)	-	-
não-atestado	-	-	-	-	-	-	-	-
não-atestado	-	+	+	+	+	+	+	+

Com relação à expressão de noções aspectuais, a tabela 2 mostra que os aspectos perfectivo e imperfectivo são os tipos mais frequentes e basilares nas línguas, diferentemente dos aspectos inceptivo e frustrativo, que são menos frequentes e mais restritos na amostra analisada. No tocante à expressão das noções de tempo, verifica-se que o presente é, de fato, o limiar a partir do qual as demais instâncias temporais são distinguidas, justamente por se colocar como o ponto extremo de pressuposição para a ocorrência de outras acepções temporais. Tanto é verdade que essas implicações existem nas línguas que as situações inversas, descritas como não-atestadas, não foram encontradas nas línguas da amostra, situação que mais uma vez parece corroborar a tendência à iconicidade descrita por Comrie (1976, 1985) e Bybee (1985) na disposição quanto ao verbo e na frequência de ocorrência dos tipos de aspecto e tempo nas línguas.

As tabelas 1 e 2 determinam as seguintes hierarquias implicacionais em que a existência de um tipo de aspecto/tempo pressupõe a existência de outros tipos:

$$(33) \left\{ \begin{array}{c} \text{DIREITA} \\ \text{Perfectivo} \\ \text{vs.} \\ \text{Imperfectivo} \end{array} \right\} \subset \left\{ \begin{array}{c} \text{Durativo} \\ \text{vs.} \\ \text{Habitual} \end{array} \right\} \subset \left\{ \begin{array}{c} \text{Prospectivo} \\ \text{vs.} \\ \text{Frustrativo} \end{array} \right\} \subset \left\{ \begin{array}{c} \text{ESQUERDA} \\ \text{Inceptivo} \end{array} \right\}$$

$$(34) \left\{ \begin{array}{c} \text{DIREITA} \\ \text{Presente atemporal} \\ \wedge \\ \text{Presente durativo} \end{array} \right\} \subset \left\{ \begin{array}{c} \text{Pass. Imed.} \\ \wedge \\ \text{Pass. Rec.} \\ \wedge \\ \text{Pass. Rem.} \\ \wedge \\ \text{Pass. Dist.} \end{array} \right\} \subset \left\{ \begin{array}{c} \text{ESQUERDA} \\ \text{Fut. Imed.} \\ \wedge \\ \text{Fut. Prox.} \\ \wedge \\ \text{Fut. Dist.} \end{array} \right\}$$

Os esquemas (33) e (34) mostram que quanto mais a língua se mover para a esquerda, é maior a probabilidade de os tipos de aspecto e tempo localizados nesse extremo ocorrerem com mais frequência em sua gramática, por outro lado, quando mais se mover para a direita, menor é a probabilidade de os tipos de aspecto e tempo aí alocados ocorrerem com frequência nas línguas, tendo em vista que as relações de implicação entre os tipos de aspecto e tempo, que pressupõem vários outros tipos nas línguas, dificultam o processamento cognitivo e, conseqüentemente, sua ocorrência.

Os esquemas em questão reforçam ainda mais a existência de hierarquias implicacionais entre os subtipos de aspecto e tempo nas línguas da amostra, ou seja, os subtipos de aspecto e tempo que se encontram mais esquerda nos esquemas só ocorrerão nas línguas caso também os subtipos de aspecto e tempo alocados à direita também estejam presentes nas línguas, inibindo, assim, qualquer outra configuração que viole de alguma forma as hierarquias implicacionais identificadas na distribuição dos subtipos.

Esses esquemas também explicitam as relações de contraste entre os subtipos de aspecto encontrados nas línguas: perfectivo (ação acabada) *versus* imperfectivo (ação inacabada), durativo (ação em curso) *versus* habitual (ação que ocorre com certa frequência) *versus* pontual (ação em que o início e o fim coincidem). Quanto aos tipos e subtipos de tempo, verificamos que há uma hierarquia implicacional que opera na macro-estrutura temporal (presente, passado e futuro) e uma hierarquia implicacional que opera na estrutura micro-estrutura temporal referente aos subtipos de tempo.

6. Considerações finais

O nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar uma proposta de análise das relações entre as categorias de tempo e aspecto em línguas indígenas da família Pano, a partir dos pressupostos teóricos da GDF (Hengeveld e Mackenzie 2008; Hengeveld 2011), considerando-se, especialmente, o princípio de ordenação dessas categorias gramaticais com relação ao predicado da oração e as suas relações semânticas de escopo no tocante aos níveis e às camadas interpessoais e representacionais da GDF.

Com base nas discussões e nos dados analisados anteriormente, é possível chegars à proposição de uma escala de acessibilidade aspectual/temporal para as línguas analisadas e de uma proposta de ordenação para os tipos de aspecto com relação às camadas do nível representacional da GDF, que segue abaixo (quadro 8):

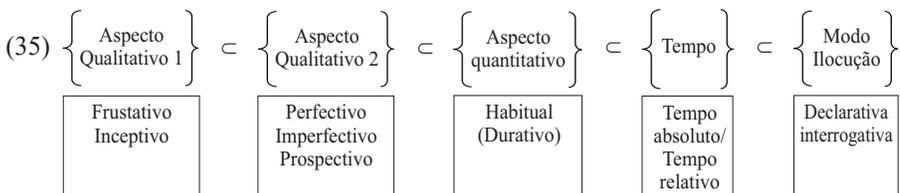
Quadro 8: Escala de acessibilidade e ordenação dos tipos de aspecto nas línguas indígenas brasileiras em relação às camadas da GDF (a partir de Foley e Van Valin 1984; Hengeveld 2011).

e_i	f_c	f_{lex}	RAIZ	f_{lex}	f_c	e_i
2	1	0		0	1	2
←	←	←		→	→	→
Habitual (Durativo)	Perfectivo Imperfectivo Prospectivo	Frustrativo Inceptivo		Frustrativo Inceptivo	Perfectivo Imperfectivo Prospectivo	Habitual (Durativo)
Quantitativo (opera sobre todo o EsCo)	Qualificação (afeta a constituição temporal interna do EsCo)	Afeta o significado do verbo (lexical)		Afeta o significado do verbo (lexical)	Qualificação (afeta a constituição temporal interna do EsCo)	Quantitativo (opera sobre todo o EsCo)

Em geral, pode-se verificar, conforme o quadro 8, que as noções aspectuais são normalmente codificadas morfossintaticamente nas línguas indígenas da amostra por meio de sufixos e apresentam uma forte correlação com a categoria de tempo. Além disso, o quadro mostra que há entre os subtipos de aspecto uma preferência de ordenação com relação ao predicado verbal, de modo que o que afeta diretamente a semântica lexical do verbo tende a se colocar mais próximo a ele, que é o acontece com os aspectos frustrativo e inceptivo, que operam na camada da propriedade lexical. Trata-se de uma proposta de análise que até então não havia sido aventada por Hengeveld e Mackenzie (2008) e Hengeveld (2011), que desconsideraram a existência de algum tipo de aspecto que opera na camada da propriedade Lexical. A pertinência dessa análise foi também observada por Fontes (2016), ao encontrar, entre outros achados, usos de “ainda” fasal operando na camada da propriedade lexical (Fontes 2016: 222).

Mostramos também que a ordenação das categorias de tempo e aspecto nas línguas tende a respeitar as relações semânticas de escopo entre elas (Hengeveld 2011), assim como se observa na disposição dessas categorias nas diferentes camadas da GDF, isto é, a preferência de ordenação dessas categorias quanto ao verbo é V-A-T-M.

Finalmente, levando-se em conta as distinções morfológicas de tempo e aspecto nas línguas indígenas analisadas e o modo como essas categorias gramaticais são ordenadas em relação ao predicado (raiz), podemos propor a seguinte hierarquia:



A hierarquia acima mostra que o aspecto qualitativo tende a se colocar mais próximo do predicado verbal, por funcionar como operador qualitativo, ao passo que o aspecto quantitativo tende se posicionar um pouco mais distante do predicado, por funcionar como modificador do estado de coisas como um todo. No entanto, entendemos que há dois tipos de aspecto qualitativo, um que atua diretamente na especificação do significado do verbo, que é o aspecto qualitativo 1 (representado pelos aspectos frustrativo e inceptivo), e outro, que atua na avaliação qualitativa da composição temporal interna do estado de coisas, que é o aspecto qualitativo 2 (representado pelos aspectos perfectivo, imperfectivo e prospectivo). Ambos se colocam, de forma ordenada, antes da categoria de tempo, porém, parece haver ainda, pelos dados analisados até o momento, uma relação de hierarquia entre esses dois tipos.

As noções de aspecto quantitativo (representado pelo aspecto habitual) e tempo (representado pelo tempo relativo/absoluto) aparecem logo em seguida na escala de ordenação das categorias gramaticais e tendem a funcionar como “modificadores” de eventos, pois o seu papel é escapar o estado de coisas como um todo. A categoria de modo (ilocução), por sua vez, conforme propõe Hengeveld (2011) e aqui atestado, costuma se posicionar na margem externa do predicado por não afetar diretamente – no sentido de ser mais importante em termos pragmáticos – o núcleo da sentença.

Isso ocorre porque o sistema de ordenação das categorias de aspecto, tempo e modo (ilocução) reflete, conforme Bybee (1985) e Hengeveld (2011), o modo como cada morfema (que carrega uma informação semântico-gramatical) afeta o significado do predicado verbal ou do estado de coisas no qual se inserem.

Referências

- Anderson, Stephen; Comrie, Bernard (eds.) (1991). *Tense and aspect in eight languages of Cameroon*. Texas: Summer Institutes of Linguistics.
- Almeida, Leria de (2008). *A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingang: uma proposta de análise* (Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem). Londrina: Universidade Estadual de Londrina.
- Bhat, D. N. S. (1999). *Prominence of tense, aspect and mood*. Amsterdam: John Benjamins.
- Boland, Annerieke (2006). *Aspect, tense and modality: theory, typology, acquisition* (Thesis of doctorate in linguistics). The Netherlands: University of Amsterdam.
- Bybee, Joan (1985). *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins.
- Cândido, Gláucia Vieira (2004). *Descrição morfossintática da língua shanenawa* (Tese de doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Castilho, Ataliba Teixeira de (2002). Aspecto verbal no português falado. In Maria Bernadete Marques Abaurre; Ângela Rodrigues (orgs.). *Gramática do português falado*, vol. 8, pp. 83-117. Campinas, SP: UNICAMP.
- Comrie, Bernard (1976). *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Comrie, Bernard (1985). *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press

- Cunha, Carla Maria (1993). *A morfossintaxe da língua arara (Pano)* (Dissertação de mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Dekel, Nurit (2010). *A matter of time: tense, mood and aspect in spontaneous spoken Israeli Hebrew* (Thesis of Doctorate). Netherlands, Amsterdam: University of Amsterdam.
- Dos Anjos, Zoraide (2011). *Fonologia e gramática katukina-kanamari*. The Netherlands: Lot Publications.
- Ferreira, Rogério Vicente (2001). *Língua matis: aspectos descritivos da morfossintaxe* (Dissertação de mestrado em linguística). Campinas: IEL-UNICAMP.
- Ferreira, Rogério Vicente (2003). Aspectos da morfossintaxe nominal. *Anais do 5º encontro do CELSUL*, pp. 1248-1257. Curitiba, Paraná.
- Ferreira, Rogério Vicente (2005). *Língua matis (Pano): uma descrição gramatical* (Tese de doutorado). Campinas: Universidade Estadual Paulista.
- Ferreira, Vitória Regina Spanghero (2005). *Estudo lexical da língua matis - subsídios para um dicionário bilingue* (Tese de doutorado em linguística). Campinas: IEL-UNICAMP.
- Foley, William; Van Valin, Robert (1984). *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fontes, Michel Gustavo (2016). *A distinção léxico-gramática na gramática discursivo-funcional: uma proposta de implementação* (Tese de doutorado). São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista – UNESP.
- Gomes, Graziela de Jesus (2010). *Aspectos morfossintáticos da língua huariapano-pano* (Dissertação de mestrado). Campinas: IEL/UNICAMP.
- Dall’Aglio-Hattner, Marize Mattos; Hengeveld, Kees (2016). The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: A synchronic approach. *Journal of Portuguese Linguistics* 15: 1-14.
- Dall’Aglio-Hattner, Marize Mattos (2017). Evidential subtypes and tense systems in Brazilian native languages. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)* 33: 159-186.
- Hengeveld, Kees (2004). La tipología lingüística In Ricardo Mairal; Juana Gil (eds.). *En torno a los universales lingüísticos*, pp. 89-111. Madrid: Ediciones Akal.
- Hengeveld, Kees (2011). The grammaticalization of tense and aspect. In Bernd Heine; Heiko Narrog (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*, pp. 580-594. Oxford: Oxford University Press.
- Hengeveld, Kees; Dall’Aglio-Hattner, Marize Mattos (2015). Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics* 53: 479-524.
- Hengeveld, Kees; Mackenzie, Lachlan (2008). *Functional discourse grammar*. Oxford: Oxford University Press.
- Ilari, Rodolfo; Basso, Renato (2014). O verbo. In Rodolfo Ilari (ed.). *Gramática do português falado no Brasil: Palavras de classe aberta*, pp. 65-242. São Paulo: Editora Contexto.
- Kapp, Aline Maria Miguel (2013). *Relações entre tempo e evidencialidade nas línguas indígenas do Brasil: um estudo tipológico-funcional* (Dissertação de mestrado). São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista – UNESP.
- Klein, Wolfgang (1994). *Time in language*. London: Routledge.

Lyons, John (1977). *Semantics* (I and II). Cambridge: Cambridge University Press.

Palácio, Adair Pimentel (1984). *Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai* (Tese de doutorado). Campinas: IEL/UNICAMP.

Palmer, Frank R. (1986). *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press.

Paula, Aldir Santos de (2004). *A língua dos índios yawanawá do Acre* (Tese de doutorado). Campinas: IEL/ UNICAMP.

Souza, Emerson Carvalho de (2012). *Aspectos de uma gramática shawã* (Tese de doutorado). Campinas: IEL/UNICAMP.

Trask, R. L. (2006). *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Editora Contexto.

Abreviaturas

ABS	Absolutivo
AnF	Aspecto não finalizado
CT	consoante temática
DUR	Durativo
ENF	Enfático
ERG	Ergativo
EXP	experencial
EsCO	Estado de coisas
FUt	Futuro
HAB	Habitual
HAB.PST.N-REC	Aspecto habitual de passado não-recente
FRUST	Frustrativo
IPFV	Imperfectivo
INCEP	Inceptivo
IND	Indicativo
N.PST	Não-Passado
OBJ	Objeto
PST	Passado
PST.DIST	Passado Distante
PST.IMED	Passado Imediato
PST.REC	Passado Recente
PST.REM	Passado Remoto
PFV	Perfectivo
PONT	Pontual

PRS	Presente
PROSP	Prospectivo
PROX	Próximo
TNR	Tempo Não-Realizado
MA	Momento do acontecimento (ou do evento)
ME	Momento de enunciação

Recebido: 20/5/2017

Revisto: 5/9/2017

Aceito: 7/9/2017